O ESPAÇO ESCOLAR SOB OS OLHARES DE NIETZSCHE, MÉSZÁROS E FOUCAULT

Carlos Antonio da SILVEIRA JUNIOR[1]

RESUMO

O presente artigo procura analisar o espaço escolar de uma escola pública de Marília, interior de São Paulo. As suas grades, portões e muros, juntamente com uma postura de vigilância e punição dos funcionários e professores, promovem a formação de um ambiente que é antes de tudo, um espaço de punição, de domesticação dos alunos às normas. Neste sentido, a escola, que serviria como um instrumento de emancipação, de busca por uma vida melhor, é primeiramente um local de reprodução dos mecanismos de punição existentes na sociedade. Autores como Nietszche, Mészáros e Foucault, com diferentes perspectivas teóricas, foram convergidos neste artigo, a fim de esclarecer a situação caótica pela qual esta e várias outras escolas no país estão passando.

Palavras-chave: Repressão. Escola. Ciências Sociais.

Compondo o cenário

Atualmente a escola vem sendo antes um espaço de confinamento ao invés de ser um espaço de esclarecimento, de formação de cidadãos conscientes politicamente, socialmente. A instituição escolar é hoje facilmente correlacionada — e até mesmo confundida — com hospitais, manicômios e prisões. A não liberdade dos alunos dentro da escola, tomada por grades em todas as janelas, portas e grandes muros, causa sem dúvida alguma, um prejuízo tremendo à educação por não valorizar o espaço, o tempo escolar como um período, um lugar privilegiado ao convívio e ao crescimento social.

Portanto, o presente artigo tem como objetivo propor o debate deste espaço, o seu "cercamento" numa escola[3] em Marília interior de São Paulo. Tomando como parte da observação as inúmeras grades, portas e portões trancados da referida escola e seu gigantesco controle sobre os alunos, pretendemos analisar como a escola, um lugar que

[1] E-mail: juniorffc@yahoo.com.br

[3] Embora este artigo tenha sido direcionado para a análise de um caso especificadamente, a sua utilização reflete a situação de muitas escolas espalhadas pelo Brasil, motivo pelo qual muitas vezes parece estar-se falando de modo "genérico" sobre as escolas.

deveria abrir as portas para uma vida consciente, política e socialmente, vem fechando-a assim como as infindáveis grades, muros e portões a possibilidade de se criarem verdadeiros cidadãos, sob a ótica de Nietzsche, Mészáros e Foucault.

O presente artigo utiliza, além destes autores, relatos de professores e funcionários. Além disso, conta com uma minuciosa observação dentro e fora das salas de aula, procurando captar ao máximo todas as situações do dia-a-dia escolar. Iniciamos o referido artigo com uma caracterização mais geral da escola em sua parte física, seu funcionamento diário com a participação dos professores, diretores, funcionários e alunos. Fazemos também uma caracterização das salas de aula e como os alunos se colocam dentro e fora dela. Em seguida, passamos a observar estes quesitos à luz da bibliografia proposta, mostrando como a escola, antes de promover a emancipação do cidadão, o prende ainda mais dentro das grades físicas e intelectuais que são postas por todo um aparato coercitivo. Por fim, buscaremos colocar que a escola é um espaço de transformação e como tal, deve propor mudança social dela própria e da sociedade como um todo, no entanto sem nos esquecermos que a mudança social não depende somente da escola, mas tendo em mente que ela é um dos instrumentos essenciais para que isso ocorra.

Nesta medida, procuraremos relacionar estas grades, muros, portões com uma postura cada vez mais punitiva, controladora, impositiva, levando a escola ao não entendimento do aluno, ao não diálogo com ele, proporcionando antes uma reprodução da sociedade que não dá voz aos mais pobres e não forma nem cidadãos e nem professores conscientes de suas funções perante a sociedade. Não pretendemos com isso ignorar o mau comportamento de alguns alunos, mas levar em conta como a imensa maioria sofre as imposições da escola.

A permanência de tantas grades e muros se coloca como uma ação diretamente ligada à coerção e vigilância dos alunos, e não como um espaço de socialização e esclarecimento das pessoas que lá freqüentam. Para tanto, temos que entender a própria noção de "disciplina" como um poder. Não como algo abstrato, mas envolto numa teia de relações entre poder e saber. Logo, ela se coloca como um tipo de poder que não se identifica especificamente com uma instituição nem com um aparelho, mas sim como uma modalidade que comporta todo um conjunto de instrumentos, técnicas, procedimentos, níveis de aplicação, etc. Assim, este poder "disciplinar" tende em seu âmago à

normalização dos corpos, aquilo que caracteriza o normal do anormal, aquilo que compara, torna homogêneo ou exclui. Optamos por usar tanto as palavras "disciplina" quanto "indisciplina" entre aspas para demonstrar que não estamos tratando da disciplina enquanto conteúdo transmitido dentro da sala de aula, ou seja, a chamada "matéria". Usamos aspas para evidenciar também que esta "disciplina" ou "indisciplina" são na verdade constructos para o controle dos alunos. Desta forma os entendemos como não naturais e os colocamos assim para fugir da idéia geral que se tem acerca destas noções. Logicamente sabemos que a escola deve manter certa organização, para que se tenha um bom funcionamento. No entanto, da maneira como essas atitudes são tomadas por parte da diretoria, professores e funcionários não reverte a situação em que ela se encontra atualmente.

Desta maneira, a opção por utilizar além de Michel Foucault, que sem dúvida alguma é o ponto chave para podermos entender a escola, utilizamos Friedrich Nietzsche. Este autor, assim como Foucault, faz todo um trabalho genealógico, ou seja, de se ir às profundezas de determinados assuntos e mostrar desta maneira o que realmente o constitui. A utilização de Nietzsche neste trabalho vem nos ajudar a entender que o castigo ao invés de corrigir, endurece. E nos provoca a algo mais profundo, a saber, que não basta apenas fazer a crítica aos valores morais vigentes, mas ainda mais, uma crítica desses próprios valores. Portanto, o "cercamento escolar" ao invés de propiciar uma melhora do comportamento dos alunos, na verdade possui um efeito contrário. Vem ao encontro do que Nietzsche (1998, p. 66) fala a respeito do desenvolvimento, por exemplo, de valores morais, como os encontrados por trás de toda essa vigilância: "o 'desenvolvimento' de uma coisa, um uso, um órgão, é tudo menos o progressus em direção a uma meta, [...], mas sim a sucessão de processos de subjugamento que nela ocorrem, [...]".

A utilização de Mézsáros vem se somar aos nossos dois outros pensadores como elemento de superação, uma vez que não nos é possível apenas fazer a crítica por si só, mas procurar uma educação crítica, que seja desenvolvida de acordo com as reais necessidades dos alunos, e que sirva de elementos de busca por uma sociedade melhor.

Espaço escolar como confinamento

O prédio da escola em questão é todo sitiado por muros e em seu interior possui muitas grades e portões. É difícil encontrarmos algum lugar que não esteja cercado por grades, e não existe nenhuma janela que não tenha grades. Há um imenso portão que dá acesso ao interior da escola. Ele é aberto somente para aqueles que se identificam e dizem o que pretendem fazer lá dentro. Deste modo, há sempre um funcionário que fica vigiando quem entra e quem sai. Esta regra é quebrada somente pelos professores e funcionários que possuem as chaves que dão acesso a este portão. Desta maneira, aqueles alunos que pretendem sair, só conseguirão com a devida autorização por parte dos professores. Após este primeiro controle, há uma série de pavilhões que só serão adentrados na medida em que algum funcionário abra tais grades e portões. Assim, para se ter acesso ao pátio onde há o intervalo, é preciso que algum funcionário abra as grades que permitem a entrada no mesmo. E durante o intervalo, quando os alunos estão no pátio, tais grades são novamente fechadas, para que estes não tenham acesso ao interior das salas de aula.

A vigilância não ocorre somente nestes momentos. Todas as salas de aula dão para um corredor, que é vigiado por um funcionário. Assim o mesmo funcionário que controla as entradas e saídas da escola, fica no final deste corredor, no piso inferior, controlando quem sai das salas de aula, e quando sai, tendo o conhecimento para onde vai. E este funcionário pode permitir ou não a passagem de tais alunos. No entanto, no piso superior da escola aonde há também salas de aula, embora tenha sido observado grades nas duas extremidades do corredor, apenas uma fica trancada e a outra permite a circulação dos alunos até o piso inferior da escola. Mas lá não há nenhum funcionário vigiando o corredor, e talvez por isso, seja uma parte da escola muito intranqüila, como o observado no estágio. Além disso, há determinados horários em que se é permitido ir ao banheiro. Fora dos horários determinados, os banheiros permanecem fechados e só serão reabertos, para os alunos, em casos emergenciais.

Verificamos também que na maioria das salas observadas, nas diferentes séries em diferentes períodos, é difícil manter o controle dos alunos. Eles colocam as carteiras da maneira que os agradam e muitas vezes nem permanecem voltados para o professor. Em muitas salas de aula verificamos alunos tirando fotos com máquina digitais, andando de

skate dentro das salas, se maquiando, subindo nas carteiras, jogando papéis uns nos outros, brincando, etc. Verificamos uma total "indisciplina" que só é revertida quando a diretora ou a vice-diretora vão até a sala a pedido dos professores, e assim estabelecem a "disciplina". Cabe salientar que o professor possui um mecanismo "disciplinar" chamado tanto pelos professores quanto pelos alunos de "Boletim de Ocorrência" (B.O.). Quando a "disciplina" é quebrada, de forma que não seja possível restabelecê-la, os professores preenchem um papel contendo todos os dados do aluno, contando o que ocorreu dentro de sala. Tal "boletim" é encaminhado à diretoria, e este aluno é chamado logo em seguida para dar as devidas explicações. Neste sentido, a escola adotou mecanismos utilizados pela polícia a fim de punir os alunos.

Desvendando o subterrâneo da escola

Fica explícito que este espaço foi construído para permitir que tanto os funcionários, quanto os professores tenham um controle absoluto dos alunos dentro daquele local. A observância de horários, a presença de grades, portões e muros funcionam como controladores dos alunos dentro deste espaço escolar. Eles são distribuídos ao longo da escola em determinados espaços, de várias formas, em que há um controle do mesmo espaço e do tempo, onde cada aluno deve seguir os regulamentos nos seus mínimos detalhes, pois está sob os olhares dos funcionários. Desta maneira, a disposição dos horários de se ir ao banheiro, o tempo do intervalo, a separação no intervalo entre as séries mais avançadas como as 6as e 7as séries das 5as séries em horários diferentes, e até mesmo a disposição das carteiras em salas de aula, antes de controlar a "indisciplina", permite segundo Foucault (2001, p. 126)[5] a determinação de lugares onde há "o controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos...".

Neste sentido, o conjunto dos alunos é decomposto, sob a força da "disciplina" em multiplicidades organizadas. Podemos pensar que tal disposição do poder permite controlar o indivíduo como indivíduo e, ao mesmo tempo, a ordenação de uma multiplicidade. Logo,

[5] O autor relembra que a própria organização de um espaço serial, foi uma das grandes transformações das técnicas de ensino. O controle sobre o aluno colocando-o em determinadas séries conforme o grau de aprendizagem, o seu temperamento, entre outros quesitos, bem como a ordenação em filas dentro das salas de aula, "fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mas também de vigiar, de hierarquizar, de recompensar..." (FOUCAULT, 2001 p. 126).

por meio do indivíduo agora organizado, há o controle do "todo". E ao olhar o "todo", pelas suas disposições, é possível agora controlar e vigiar as individualidades. É segundo Foucault (2001, p. 127) "uma microfísica de um poder que poderíamos chamar 'celular'". A presença de funcionários, que percorrem durante o intervalo todo o pátio onde os alunos se encontram, se coloca como uma vigilância nos momentos em que "teoricamente" os alunos estariam à vontade para conversar, brincar, etc. A simples presença dos funcionários funciona como um mecanismo "disciplinador", muitas vezes não percebido e por isso mesmo não refletido. São privados além da liberdade física, intelectual também. A noção de estar sempre vigiado, controlado em todos os ambientes da escola, mesmo que não seja percebido, nos faz relembrar o modelo do panóptico descrito por Foucault. Embora na escola sempre haja alguém que possa ser percebido como um funcionário que está vigiando, ao contrário do panóptico descrito pelo autor acima mencionado, o mais importante é a introjeção da idéia de que se está sendo vigiado. Com isso, não se usa a força para obrigar os escolares ou presos a realizar qualquer trabalho, ou obedecer às normas. E por isso, este mecanismo se torna subjetivo. Neste sentido, tal modelo se coloca como um intensificador do poder de punir, agora muito mais sutil e por isso mesmo, mais violento.

Com isso, queremos evidenciar que este modelo, estes mecanismos "disciplinares" utilizados pela escola, na verdade tratam os alunos como "criminosos" e, por conseqüência, eles devem ser "punidos". Desta forma há o estabelecimento de tantas grades, muros e portões. E esta vigilância, este controle são passados de forma natural, como realmente necessários ao bom funcionamento da escola, pois se não fosse assim, os alunos baderneiros "tomariam o controle" sobre toda a escola. É a aplicação de um modelo de punição que ultrapassa as fronteiras da escola. Ao tomar a "disciplina" como um poder que é capaz de punir, de enquadrar os indivíduos em determinados lugares, temos que:

> a 'disciplina' não pode se identificar com uma instituição nem como um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma 'física' ou uma 'anatomia' do poder, uma tecnologia. E pode ficar a cargo seja de instituições 'especializadas' (as casas penitenciárias, ou as casas de correção do século XIX) seja de instituições que dela se servem como instrumento essencial para um fim determinado (as casas de educação, os hospitais), [...]. Pode-se então falar, em suma, da formação de uma sociedade disciplinar [...]. (FOUCAULT, 2001, p. 177-178).

Poderíamos pensar que tais grades, muros, portões e toda a vigilância são necessários atualmente, pois vivemos numa sociedade violenta, onde há muitos roubos, assaltos, e por isso mesmo tudo aquilo que foi mencionado se torna necessário. Ou ainda, que tais atitudes são necessárias para a própria segurança dos alunos, ou para impedir aqueles que são "indisciplinados" a "matar aula", ou a fazer qualquer outro tipo de atividade que não seja condizente com aquilo que a escola deseja[6]. Ao contrário do que este modelo de ação punitiva prega, tanto no interior quanto no exterior da escola, é necessário que haja uma crítica desses valores tomados como naturais. Segundo Nietzsche (1998, p. 12), "necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão". Portanto, ao tomarmos os valores vigentes na escola como construídos, podemos nos aprofundar nas conseqüências que tais medidas acarretam aos alunos e fugir de todo um discurso que tenta naturalizar tais medidas. Estes mecanismos "disciplinares" funcionam na verdade como pequenos mecanismos penais. É uma introjeção, se torna um mecanismo subjetivo, pois obriga os alunos a terem determinadas atitudes sem o uso da força, e por isso mesmo, muito mais violento. E assim o são porque tanto o corpo quanto à "alma" (entendida como a sede de hábitos, assim como em Foucault) são postos agora à intervenção punitiva. E por isso são utilizadas várias formas de coerção que vão desde

> horários, distribuição do tempo, movimentos obrigatórios, atividades regulares [...]. E finalmente, o que se procura [...] é o sujeito obediente, o indivíduo sujeito a hábitos, regras, ordens, uma autoridade que se exerce continuamente sobre ele e em torno dele, e que se deve deixar funcionar automaticamente nele. (FOUCAULT, 2001, p. 106).

Assim tais medidas têm como objetivo controlar o indivíduo e neutralizar a sua "periculosidade", tirando-lhe a liberdade dentro do espaço escolar. As relações de poder que se desenvolvem no interior da escola investem tais penalidades aos alunos, mesmo que

[6] Não queremos transmitir uma ingenuidade ao evidenciar nossa opinião. Obviamente sabemos daquilo que a sociedade brasileira e mundial vêm sofrendo com tanta criminalidade e sensação de insegurança. Certamente dentro da escola há alunos que atrapalham o bom funcionamento das aulas e da escola como um todo. E não queremos dizer que esta "indisciplina" e muitas vezes violências não devam ser combatidas. E nem queremos insinuar que as grades, muros e portões não sirvam para a segurança da escola e dos alunos, pois em alguma medida certamente são eficazes. Mas devemos colocar que este modelo não controla a "disciplina" dentro da escola, pois se assim fosse, este problema já estaria há muito resolvido, haja vista que tais grades e toda essa vigilância já estão há muito tempo na escola. Com isso pretendemos mostrar que todo esse discurso de segurança e de "disciplina" para a escola funciona antes como mecanismo que tira a liberdade dos alunos.

suaves e subjetivas, visam sempre o corpo, a "alma" dos indivíduos. Neste ponto devemos explicitar o que Foucault entende por relações de poder:

> Temos que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve, ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo ralações de poder. (FOUCAULT, 2001, p.27).

Portanto, ao focalizar esta relação entre poder e saber que se desenvolve dentro da escola, devemos perceber que os métodos punitivos aplicados sobre os alunos são na verdade processos de transformação do indivíduo em sua totalidade (seu corpo, seus hábitos, sua "alma") pelas penalidades infringidas cotidianamente a ele. A escola se apresenta neste caso como uma "máquina" que é responsável por modificar, formatar o intelecto do indivíduo. Devemos pensar que a escola é antes, nos moldes em que se coloca atualmente, um aparelho de saber que não é utilizado para promover o desenvolvimento intelectual dos indivíduos. Tal saber se efetua antes como uma ferramenta que é utilizada para "domesticar" e controlar os indivíduos, privando-os não somente de liberdade física, mas intelectual. Neste sentido, embora o corpo esteja sempre sendo manipulado de lugar em lugar, aquilo que se torna mais profundo, aquela punição que é introjetada de maneira mais forte, não precisa ser mostrada numa realidade corpórea. Portanto, os processos de representação são maximizados nestes processos punitivos:

> "A punição não precisa utilizar o corpo, mas a representação. Ou antes, se ela tem que utilizar o corpo, isto o será na medida em que ele não é tanto o sujeito de um sofrimento, quanto o objeto de uma representação: a lembrança, [...] mesmo artificial, de uma pena física pode prevenir o contágio do crime". (FOUCAULT, 2001, p. 78-79).

Logo, poderíamos pensar: qual é o papel da escola e, em especial, será que a escola realmente realiza práticas educativas, não restritas somente às salas de aula, que no geral são capazes de diminuir a "indisciplina" nesse espaço como um todo? Será que mesmo com toda essa "tecnologia" do poder de punir, realizado pela referida escola, promove o controle imediato de todas as instâncias da participação do aluno dentro do espaço escolar? Será que a presente escola está apta para ouvir os alunos e perceber suas diversidades, enquanto

seres vindos de diferentes classes sociais, com diferentes níveis culturais trazidos de suas famílias?

De acordo com as observações feitas durante o período em que o estagio foi realizado, pudemos concluir que tais medidas restritivas em sua totalidade não funcionam para manter a "disciplina" dentro da escola. Dentro do período observado, tanto dentro quanto fora das salas de aula, verificamos que os alunos não respeitam a autoridade do professor, não ficam dispostos em filas dentro das salas de aula, "matam" aula, não fazem as atividades solicitadas pelos professores. Mesmo com todas essas medidas de contenção da "indisciplina", nos foi relatado por uma funcionária, que diversas vezes, os alunos fizeram cópias da chave que pertencem aos professores e que dá acesso à parte de dentro da escola. Utilizavam sabão para fazer o molde do qual era tirada uma cópia e assim saíam pelo portão principal sem serem notados pelos funcionários. Diante de todas essas medidas, será que realmente podemos acreditar na eficácia destes métodos? A resposta que podemos tirar é não. Tais medidas de vigilância dão apenas a sensação de que as coisas andam bem.

A escola torna natural e legítimo o poder de punir os alunos e reforça a lógica da vigilância e da punição em nossa sociedade. A "disciplina" para Foucault (2001, p. 244) tem como intenção "uma 'alma' a conhecer e uma sujeição a manter". Esta arte de punir, de castigar, ao invés de permitir um desenvolvimento intelectual, moral, social do individuo, doma o homem, e não produz sua melhora. Segundo Nietzsche (2004, p. 166), a punição "não purifica o infrator, não é uma expiação: pelo contrário, ela mancha mais que o próprio crime". As grades, muros e toda vigilância sobre os alunos não servem como aparelhos corretores. Na verdade, ele apenas endurece cada vez mais. Ao contrário de se produzir cidadãos, pessoas conscientes, este modelo escolar, observado na escola analisada, pode na verdade produzir delinqüência. É o que Foucault observa acerca do modelo de prisão. Ele fracassa na medida em que não é capaz de reduzir os crimes e sim favorecer o desenvolvimento da delinqüência. Não queremos com isso especular que todos aqueles alunos se tornarão delinqüentes, muito ao contrário, não nos cabe fazer aqui tal juízo de valor. Queremos evidenciar que aquilo que a escola propõe — teoricamente formação intelectual, moral, etc — é totalmente o contrário do que realmente acontece. A não confiança nos alunos propicia antes a formação de pessoas endurecidas, do que de cidadãos conscientes.

E a solução? O que fazer?

Não é possível enxergar os problemas da escola apenas observando ela própria. A situação pela qual a escola observada passa, e com certeza muitas outras, faz parte de algo maior, de um processo de banalização do ensino, visto estritamente sob a ótica para a formação para o mercado, de professores não comprometidos com a educação; pelos baixos salários dos professores e funcionários terceirizados que ganham menos de um salário mínimo, como observado na referida escola, ou seja, pouco investimento na educação como um todo. Assim a escola procura

> assegurar que cada indivíduo adote como suas próprias as metas de reprodução objetiva do sistema. Em outras palavras, [...] trata-se de uma questão de 'internalização' pelos indivíduos [...] da legitimidade da posição que lhes foi atribuída na hierarquia social, justamente com suas expectativas 'adequadas' e as formas de conduta 'certas' mais ou menos explicitamente estipuladas nesse terreno. (MÉSZÁROS, 2005, p.44).

Do modo como esta "educação" é transmitida pela escola, serve primordialmente para a formação para o mercado. Logo, a educação plena, a educação continuada, libertadora, que luta por uma transformação radical deste modelo econômico, político e social vigente fica subsumida diante de toda essa opressão. Logicamente, se queremos romper com sua lógica, não é possível fazer isso apenas no âmbito escolar. É necessário que haja uma ruptura com todo um modelo de sociedade e de escola. Neste sentido, como Mészáros (2005, p. 45) coloca "no âmbito educacional, as soluções 'não podem ser formais; elas devem ser essenciais'. Em outras palavras, eles devem abarcar a totalidade das práticas educacionais da sociedade estabelecida". Por isso a luta por uma melhoria na escola de uma forma geral abrange toda a sociedade. No entanto, se houver um comportamento que abarque este tipo de educação não somente dentro da escola analisada, mas de todas as outras, certamente haverá o rompimento desta lógica educacional capitalista que não somente visa pura e simplesmente a formação para o mercado, de modo que o ensino se torne sucateado; mas procura vigiar, punir e condenar os alunos:

> Estamos na sociedade do professor-juiz, [...] do educado-juiz, do 'assistente social'-juiz; todos fazem reinar a universidade do normativo; e cada um no ponto em que se encontra, aí submete o corpo, os gestos, os

> comportamentos, as condutas,as aptidões, os desempenhos. (FOUCAULT, 2001, p. 251)

Ao contrário disso, o educador deve se colocar como um emancipador, ou seja, buscar uma transformação social ampla e emancipadora ao mesmo tempo. Portanto, ao assumir esta postura, a educação procura romper com este "círculo vicioso".

Vivemos hoje numa sociedade pós-moderna, onde a crença de que a razão poderia nos salvaguardar e dar as respostas necessárias aos nossos anseios, às nossas indagações, já não existe mais. E com isso também ruiu a crença de que esses métodos punitivos e de vigilância dentro da escola poderiam surtir efeito. Há atualmente a necessidade de superação deste modelo que não se restringe somente à escola, mas está na sociedade de uma maneira geral. E talvez uma das possibilidades seja romper com esse modelo e buscar formas educacionais que confiem nos alunos, enquanto atores sociais capazes de refletir sobre a sua própria realidade, dando-lhes realmente votos de confiança, pois da maneira que os alunos são tratados dentro da escola analisada — e que com certeza não se restringe somente a esta — a escola que antes deveria dar as chaves que abrem as portas de um conhecimento efetivo, de uma educação completa, usa as chaves dos portões e das grades para endurecer, embrutecer e formar pessoas para o mercado, como se a escola funcionasse para abastecer a economia, e não para formar pessoas conscientes, capazes de transformar, ou pelo menos tentar transformar a realidade que os cerca.

Conclusão

O presente artigo, embora tenha tratado de uma escola pública de Marília, em vários momentos, parece ter-se referido às escolas de uma maneira em geral. Isto foi feito propositalmente, uma vez que esta não é a realidade apenas desta escola, mas de várias outras que não foram analisadas. Desta maneira, a observância da escola como um espaço que não privilegia o desenvolvimento intelectual, o convívio entre os alunos e uma relação amistosa com funcionários, professores e diretores é praticamente impossível, pois sempre há certa tensão no prédio, influenciada sem dúvida pelas grades, muros, etc. E ainda mais pelo fato de funcionários, professores e diretores não perceberem nos alunos pessoas com as quais podem desenvolver confiança, numa relação recíproca.

Assim, este artigo teve como objetivo aquilo que anda no "subterrâneo" de toda essa postura. Aquilo que não é dito nem assumido, mas que se coloca de uma maneira clara, que é a vigilância e o controle exercido sobre os alunos. E como querer e sonhar com uma sociedade melhor, superando o atual estado de depreciação da escola que é reflexo da sociedade com um todo? A formação de pessoas única e exclusivamente para o mercado, que na presente escola, nem isso é feito com qualidade, promove este sucateamento escolar tanto físico como intelectualmente. E se não enxergarmos tais fatos, fica difícil, ou até impossível, querer promover uma mudança efetiva na sociedade.

Referências

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2001.

MÉSZÁROS, I. *A Educação para além do capital.* Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2005.

NIETZSCHE, F. *Aurora*: reflexões sobre os preconceitos morais. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____.*Genealogia da moral*: uma polêmica. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ARTIGO RECEBIDO EM 2007